

Absenteísmo nas aulas de educação física escolar: análise da participação feminina

Absenteeism in school physical education classes: analysis of female participation

OLIVEIRA, I. R. S.1; AGUIAR, S. C.1;

1 – UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ.

aguiarsara7@gmail.com

Resumo: O principal objetivo desse estudo consiste em analisar os fatores que interferem na participação feminina nas aulas de Educação Física escolar. Para tal, pretende-se: discutir a Educação Física na vertente do pensamento conservador e renovador; compreender as implicações dos princípios e valores que estão intrínsecos nas aulas de Educação Física escolar e que interferem na participação feminina; propor estratégias como forma de promover a participação feminina nas aulas de Educação Física. Essa pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico-exploratória, do tipo revisão integrativa. As bases de dados investigadas como fontes de informação para a pesquisa foi Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Foram incluídos na pesquisa artigos científicos publicados de 2011 a 2020, dando preferência aos dados mais atuais. Verificou-se que os docentes devem utilizar de metodologias pedagógicas, como a coeducação, como meio de desmitificação do machismo na sala de aula, visando a participação ativa nas aulas de Educação Física de meninos e meninas, sem fazer distinção de gênero nas atividades propostas.

Palavras-chave: Educação física. Gênero. Prática docente.

Abstract: The main objective of this study is to analyze the factors that interfere in female participation in school Physical Education classes. To this end, it is intended to: discuss Physical Education in the aspect of conservative and renewing thinking; understand the implications of the principles and values that are intrinsic in school Physical Education classes and that interfere in female participation; propose strategies as a way to promote female participation in Physical Education classes. This research was carried out through a qualitative, bibliographic-exploratory approach, of the integrative review type. The databases investigated as sources of information for the research were Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Latin American and Caribbean Literature on Health Sciences (LILACS). Scientific articles published from 2011 to 2020 were included in the research, giving preference to the most current data. It was found that teachers should use pedagogical methodologies, such as co-education, as a means of demystifying machismo in the classroom, aiming at active participation in physical education classes of boys and girls, without distinguishing gender in the proposed activities.

Keywords: Genre. Physical education. Teaching practice.

1. Introdução

O presente estudo busca compreender a ausência feminina nas aulas de Educação Física, bem como a falta de motivação para participar nas atividades propostas pelos professores.

Em nosso país, há tempos, observa-se o machismo exacerbado, que limita a participação feminina ativa na sociedade.

Excluídas de uma efetiva de participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior, as mulheres no século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos e senhores (TELLES, 2004, p. 341).

Assim, consegue-se entender a predominância masculina que se destaca desde os tempos antigos. Era atribuída à mulher a função de ser dona de casa e cuidar dos filhos, e essa limitação na vida das mulheres perdurou por longas décadas. Esse movimento que centralizava o masculino como detentor de poder na sociedade, perdura até os dias atuais, provocando desafios que estão sendo aos poucos superados em razão da mulher se tornar ativa na sociedade.

Já nas décadas finais do Século XX, Scott (1989, p.10) defendia que “[...] as teorias do patriarcado concentraram sua atenção na subordinação das mulheres e encontraram a explicação na “necessidade” de o macho dominar as mulheres”.

Quando a mulher conquistou legalmente o direito ao voto, concedido pelo Decreto de 1932 durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas, como citado no primeiro Código Eleitoral, ela foi ganhando mais espaço na sociedade. Historicamente sabe-se o quão difícil é para as mulheres ocuparem esses espaços onde poderiam exercer seus direitos sem restrições, pois “[...] as mulheres são prioritariamente associadas às funções domésticas” (PINSKY, 2009, p. 173).

A escola, como reflexo da sociedade reproduz a restrição da inserção feminina no espaço coletivo. É comum, no horário do recreio observar estudantes do sexo masculino correndo e ocupando espaços amplos, enquanto as meninas, por sua vez, geralmente, ficam agrupadas com pessoas do mesmo sexo, ocupando espaços onde podem sentar ou ainda pouco se movimentar.

No caso das aulas de Educação Física, também se observa a predominância masculina nas atividades, causando, muitas vezes um movimento de absenteísmo de estudantes femininas. Nesse sentido, entende-se que é importante compreender o porquê da ausência feminina nas aulas de Educação Física, e quais os fatores que contribuem para esse distanciamento, que não permite que as meninas sejam efetivas nas aulas.

Diante desse contexto, considera-se pertinente buscar formas de promover a efetividade dessas estudantes nas aulas de Educação Física e buscar meios para desconstruir estereótipos articulados a uma concepção machista que tanto afeta as mulheres.

Entende-se que os professores são os principais responsáveis pelo incentivo dos estudantes de modo geral para que, de forma coletiva, promovam dinâmicas que possibilitem maior inserção das estudantes nas atividades práticas.

Essa função docente descaracteriza o pensamento conservador em Educação Física e tem que ser proposta por meio de estratégias didáticas que estão articuladas a uma perspectiva do pensamento renovador das aulas de Educação Física.

Diante desse cenário, este estudo delineou como questão norteadora o seguinte questionamento: Quais são os fatores que interferem na participação feminina nas aulas de Educação Física escolar?

Desse modo, o principal objetivo desse estudo consiste em analisar os fatores que interferem na participação feminina nas aulas de Educação Física escolar. Para tal, pretende-se: discutir a Educação Física na vertente do pensamento conservador e renovador; compreender as implicações dos princípios e valores que estão intrínsecos nas aulas de Educação Física escolar e que interferem na participação feminina; propor estratégias como forma de promover a participação feminina nas aulas de Educação Física.

Esta pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico-exploratória, do tipo revisão integrativa. As bases de dados investigadas como fontes de informação para a pesquisa foi Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) tendo como descritores: gênero, construção social de gênero, identidade de gênero,

educação física, educação, prática docente. Foram incluídos na pesquisa artigos científicos publicados de 2011 a 2020, dando preferência aos dados mais atuais; em língua portuguesa, que apresentaram o foco na temática pesquisado e disponível na íntegra. Foram excluídos os artigos que fugissem do tema abordado apesar dos escritores.

Vale ressaltar que mesmo com essa hierarquização, as construções de gênero não se opõem, ou seja, o feminino não é o oposto nem o complemento do masculino (ALTMANN; SOUZA, 1999).

Seguindo o pensamento de Altmann e Souza (1999) compreende-se que gênero é uma categoria relacional porque leva em conta o outro sexo, em presença ou ausência. Além disso, relaciona-se com outras categorias, pois não somos vistos de acordo apenas com nosso sexo ou com o que a cultura fez dele, mas de uma maneira muito mais ampla: somos classificados de acordo com nossa idade, raça, etnia, classe social, altura e peso corporal, habilidades motoras, dentre muitas outras.

As aulas de Educação Física são representadas por muitos alunos como espaço que propicia liberdade para se movimentar e experimentar diversas possibilidades corporais. Por meio desses espaços, quando o docente é sensível a inserir no currículo múltiplas culturas, permite ao estudante se relacionar com diferentes religiões, idades, etnias e classes sociais (OLIVEIRA; AZEVEDO, 2018, p. 8).

Desse modo, os descritores associados a gênero trouxeram como conceito que é uma concepção de que a identidade de gênero é um processo complexo, dinâmico e multifatorial que envolve não apenas uma, mas múltiplas variáveis culturais, sociais e individuais. Enquanto Educação Física é definida como um programa escolar voltado para o cuidado e desenvolvimento corporal.

A categoria de gênero, sendo que o foco é debater a questão do feminino, foi discutida sob a ótica teórico-metodológica de Louro (1997) e Scott (1989), que associada aos contributos teóricos de Altmann por meio de diversos estudos (ALTMANN *et al.*, 2018; ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011; SOUZA; ALTMANN, 1999; UCHOGA; ALTMANN, 2016).

2. Revisão bibliográfica

2.1. Educação Física: Pensamento Conservador e Renovador

A prática do docente da Educação Física, do mesmo modo que na educação de forma geral, sofre influência dos determinantes sociopolíticos dos diferentes períodos da história do nosso país.

Nesse sentido, a área do conhecimento que é o foco desse estudo, pode ser dividida em duas perspectivas teóricas, a perspectiva do Pensamento Conservador e a do Pensamento Renovador. Em relação à perspectiva do pensamento conservador, Bracht (1999), discute que ela se constitui a partir da instalação da prática pedagógica no âmbito da escola, esse fato se deu por volta dos séculos XVIII e XIX e teve grande influência tanto da instituição militar, quanto da instituição médica, cuja prerrogativa era “A obediência aos superiores [que] precisa[va] ser vivenciada corporalmente para ser conseguida; é algo mais do plano do sensível do que do intelectual” (BRACHT, 1999, p.102).

Ressalta-se que no modelo militarista, a Educação Física na escola tinha como finalidade uma formação de um corpo forte e perfeito fisicamente, que fosse capaz de atuar na guerra. Essa proposta seletiva contribuiu para a exclusão dos incapacitados. Mediante tal prerrogativa, os métodos ginásticos tinham a função de construir corpos que iriam contribuir para o desenvolvimento da nação por meio do esperado projeto econômico da indústria (DARIDO, 2003).

Entende-se, portanto, que a questão física corpórea era imposta aos sujeitos. Inclusive, de acordo com essa perspectiva, Oliveira e Azevedo (2018) defendem que a participação de meninas nas aulas de Educação Física era inaceitável até 1930.

As correntes Higienista, Tecnicista e a Pedagógica também são movimentos pedagógicos da Educação Física associados ao Pensamento Conservador que se destacaram e que influenciaram a práxis docente.

O primeiro, derivado da corrente da filosofia positivista, o Higienismo objetivava obter um corpo saudável para a produtividade, utilizando como estratégia os cuidados físicos, nos quais o exercício físico assumiu a conotação de fator de higiene. Nesse contexto, o esporte, a ginástica e os jogos são tratados como elementos de assepsia social para disseminar valores associados ao desenvolvimento moral, no qual a força motriz se torna um produto mercadológico

para gerar saúde enquanto função lucrativa (DARIDO, 2003; GHIRALDELLI JÚNIOR, 1994)

O Tecnicismo, movimento pedagógico da Educação em geral que têm seus princípios derivados da corrente pragmática norte-americana, também cunhou na Educação Física a sua marca. Propunha, acima de tudo, o rendimento por meio de técnicas corporais com bases fisiológicas e biomecânicas que visavam a produtividade e a eficácia. A proposta Pedagógica, por sua vez, com bases na psicologia e na psicopedagogia, que tem como maior inspiração John Dewey, tinha como principal finalidade promover uma compensação do desgaste intelectual com atividade física na escola. Diferenciava-se do Tecnicismo, pois sua ênfase era em conceitos biopsicossociais e filosóficos em detrimento do anátomo-fisiológico. No entanto, apesar desse redirecionamento que propunha, sobretudo, uma educação que considerasse a personalidade infantil com destaque para o “aprender fazendo”, a proposta de intervenção docente permanecia praticamente inalterada (DARIDO, 2003; GHIRALDELLI JÚNIOR, 1994).

Verifica-se, logo, que todas essas propostas pedagógicas possuem como determinantes sociopolíticos o Liberalismo, que atendia aos interesses da burguesia, que era o segmento dominante da sociedade que propunha estratégias ideologicamente livre de qualquer responsabilidade sobre as desigualdades sociais. Desse modo, temáticas que pudessem discutir o direito de minorias não tinham espaço no ambiente escolar.

No entanto, mundialmente diversos movimentos sociais e culturais surgem no final da década de 1950 e início da década de 1960 que, nas décadas seguintes do Século XX, trouxeram implicações para a educação, inclusive questionando o conservadorismo e as teorias tradicionais que predominavam no processo educativo. Em relação à produção dos currículos, as teorias educacionais passaram a questionar as questões políticas e econômicas que favorecem a reprodução sociocultural. Assim, surgem propostas que criticavam o caráter instrumental das teorias tradicionais de educação e que se dizia neutro politicamente, mas que produziam/produz/reproduziam/reproduz desigualdades sociais que reforçam a perspectiva do fracasso escolar (SILVA, 1999).

No âmbito da Educação Física as propostas derivadas de matrizes pedagógicas que tinham como finalidade a educação integral da criança – aspectos motores, cognitivos e afetivos sociais – e estabeleciam conexão entre a área da

pedagogia e da psicologia prevaleceram no período da década de 1980 até início dos anos da década de 1990.

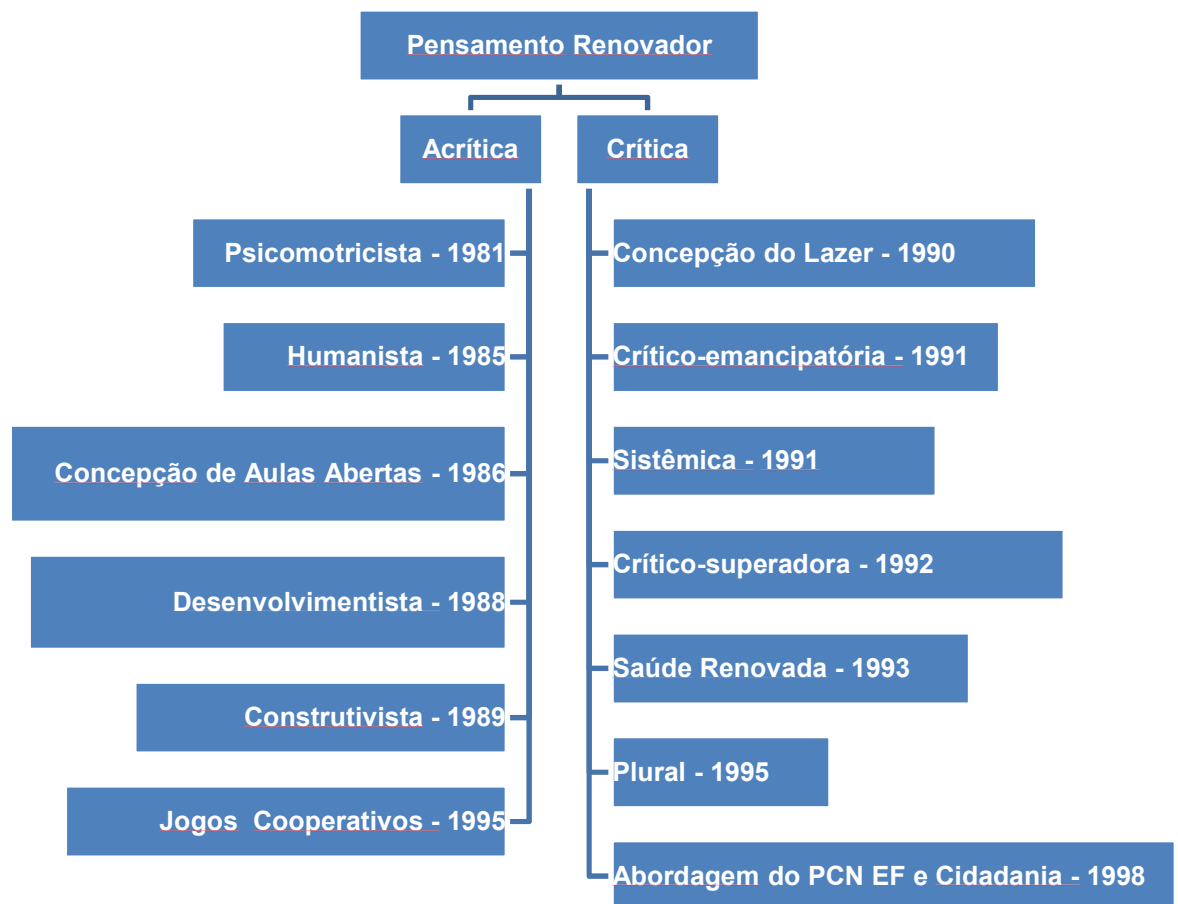
Surgem, assim, correntes que são designadas como derivadas do Pensamento Renovador da área (Figura 1), pois não enfatizavam somente os aspectos biologizantes. No entanto, essas correntes, inicialmente, ainda não traziam criticidade suficiente para discutir a reprodução cultural, que, por meio da educação, mantinham ações excludentes e, conseqüentemente, reforçavam os processos culturais das classes dominantes. As correntes que mais se destacam nessa perspectiva são: Psicomotricista, Humanista, Concepção de Aulas Abertas, Desenvolvimentista, Construtivista e Jogos Cooperativos.

Contudo, essas tendências pedagógicas ainda não problematizavam as diferentes subjetividades, possibilitando compreender as mazelas sociais como uma das principais produtoras do processo de exclusão social, que não pleiteava uma intervenção docente consciente e comprometida com o interesse de minorias, como no caso da inserção do feminino.

Assim, os princípios da dialética do materialismo histórico tornam-se determinantes para a concepção de novas correntes da Educação Física, que possuem suas historicidades articuladas à prática corporal como cultura do movimento que deve ser entendida, criticamente, para significar o subjetivo dos diferentes estudantes que assumem uma posição ativa e política mediante a sua própria aprendizagem.

Nesse contexto, observou-se que, as tendências pedagógicas da Educação Física, que possuíam fundamentos críticos – Concepção do Lazer, Crítico-emancipatória, Sistêmica, Crítico-superadora, Saúde Renovada, Plural, Educação Física e Cidadania ou Abordagem do PCN (Figura 1), a partir da questão cultural, foram inserindo temáticas relativas às questões como raça, etnia e gênero, dentre outras, que problematizavam os conflitos sociais com a finalidade de superar as discriminações e promover a inclusão social.

Figura 1 – Classificação das Tendências Pedagógicas associadas ao Pensamento Renovador da Educação Física.



Fonte: Oliveira¹ (2019)

Desse modo, a cultura eurocêntrica - branca, masculina e heterossexual – que representa a cultura dominante e o poder sociopolítico só poderia ser desestabilizada como propostas docentes que defendessem ideias de tolerância e respeito ao próximo, considerando as diferenças de gênero e étnicas e raciais como uma questão histórica e política.

¹ Esquema que contempla as Tendências Pedagógicas da Educação Física do Pensamento Renovador apresentado na Disciplina de Bases Pedagógicas da Educação Física, pela Professora Dra. Ivanete da Rosa Silva de Oliveira em 2019. A classificação deriva da forma como foi proposta a perspectiva, naquele momento histórico específico, como também, pelo modo como os professores da área de se apropriaram das mesmas.

[...] há uma reivindicação frequente de que na escola sejam ensinados e aprendidos outros conhecimentos considerados tão ou mais importantes do que fatos e conceitos. Por exemplo, certas estratégias ou habilidades para resolver problemas; selecionar a informação pertinente em uma determinada situação; utilizar conhecimentos disponíveis para enfrentar situações novas ou inesperadas; saber trabalhar em equipe; mostrar-se solidário com os colegas; respeitar e valorizar o trabalho dos outros; e não discriminar as pessoas por motivos de gênero, idade ou qualquer outro tipo de característica individual (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2010, p.922).

Destarte, considerando as matrizes teóricas da Educação Física apresentadas articuladas ao Pensamento Conservador e Renovador, verifica-se a urgência de superar um modelo acrítico e apolítico de intervenção docente, para desconstruir os preconceitos referentes à temática de gênero e que dão sentido ao poder do masculino sobre o feminino. Para tal, será preciso que o docente questione os valores sociopolíticos que estão enraizados na história da humanidade e que influenciam, até mesmo, no absenteísmo feminino das aulas de Educação Física, pois a escola, além de reproduzir e consumir o conhecimento, ela também o produz.

Vale ressaltar que essas vertentes do Pensamento Conservador e Renovador da Educação Física, apesar de possuírem especificidades próprias, não são efetivadas de forma exclusiva, pois elas estão imbricadas umas às outras, produzindo, ainda na atualidade, marcas no pensar e fazer docente.

Nesse sentido, no caso das temáticas relacionadas a gênero, o professor de Educação Física é um agente que produz e também é produzido, portanto, não pode ser permissivo em relação às questões de poder que nutrem ideologias sexistas e ações discriminatórias.

Sendo assim, as aulas de Educação Física escolar podem e devem ser lócus de conflito, aonde tanto o controle quanto à resistência ao poder do machismo se materializa, principalmente, por meio do trabalho docente. Portanto, o professor deve fomentar debates e discussões que levem ao diálogo como ação política de consciência da inserção feminina no espaço social.

2.2. Aulas de Educação Física Escolar: princípios e valores produzidos pelas implicações de gênero

Em se tratando de gênero temos uma discussão que está cada vez mais presente na sociedade, mulheres que lutam pela igualdade, buscando a

desmistificação da predominância do masculino. Segundo Louro (1997) surgem propostas que buscavam integrar o universo feminino ao conjunto social, bem como outras propostas, consideradas pela autora como ambiciosas, que propunham a subversão dos paradigmas teóricos articulados ao masculino que contribuíam para aumentar os obstáculos para que as mulheres pudessem se impor socialmente.

Assim sendo, tanto na sociedade em geral, como na escola em particular, ainda há estereótipos que reforçam atitudes articuladas ao machismo, que interferem nas relações sociais, promovendo situações que levam as mulheres a buscar incessantemente a igualdade de gênero.

No espaço escolar, no que diz respeito às aulas de educação física, quando há o predomínio de conteúdos que favorecem culturalmente o masculino, como no caso do esporte, as meninas se percebem de forma inferiorizada aos meninos, devido algumas modalidades esportivas serem vistas como apropriada para o sexo oposto.

Sendo assim, pode-se afirmar que:

Aos homens era permitido jogar futebol, basquete e judô, esportes que exigiam maior esforço, confronto corpo a corpo e movimentos violentos; às mulheres, a suavidade de movimentos e a distância de outros corpos, garantidas pela ginástica rítmica e pelo voleibol. O homem que praticasse esses esportes correria o risco de ser visto pela sociedade como efeminado. O futebol, esporte violento, tornaria o homem viril e, se fosse praticado pela mulher, poderia masculinizá-la, além da possibilidade de lhe provocar lesões, especialmente nos órgãos reprodutores (SOUZA; ALTMANN, 1999, p.57-58).

Nesse sentido, pressupõe que o docente tem um papel significativo no processo de educação desses estudantes no que diz respeito a descaracterizar suas atividades como forma de inclusão das meninas, para que estas se tornem mais conscientes de suas capacidades e necessidade de inserção social de forma efetiva.

Portanto, compreende-se que nas aulas de Educação Física possa ampliar as possibilidades para quebrar tabus de que tal modalidade é exclusiva para menino e a outra é exclusiva das meninas. Nessa perspectiva o termo exclusivo assume um sentido que reforça preconceitos como forma de exclusão das aulas.

Ao desmistificar sobre o processo de machismo que se encontra presente na sociedade e que, muitas vezes, está encoberto, velado e passa de maneira naturalizada, o docente contribui para minimizar desconfortos que assolam as estudantes, possibilitando que as mesmas sejam ativas nas diversas atividades

escolares, permitindo que se aproximem e convivam no ambiente escolar de situações que poderão se reproduzir na sociedade.

É preciso também situar a escola na construção de um projeto político e cultural por um ideal democrático que reflita, ao mesmo tempo, a complexa diversidade de grupos, etnias, gêneros, demarcado não só por relações de perda, de exclusão, de preconceitos e discriminações, mas também por processos de afirmação de identidades, valores, vivências e cultura. (ARROYO, 1996 apud SOUZA; ALTMANN, 1999, p. 53)

Entende-se, portanto, que faz parte da responsabilidade pedagógica docente de Educação Física contribuir para a quebra do sexismo durante as aulas para romper com padrões que possam limitar as meninas, possibilitando a participação equitativa, de modo que não haja a prevalência do masculino.

Assim, além de fomentar atitudes de respeito ao sexo oposto, também irá potencializar as estudantes para que consigam conquistar seu espaço na aula de Educação Física, na escola, se for de sua vontade, no meio esportivo, e também na sociedade.

Para direcionar os docentes na aplicação de suas aulas há a necessidade de reformulação, tendo como princípio a coeducação que segundo Saraiva (2005), faz que essa seja entendida em âmbito geral como práticas conjuntas entre meninas e meninos que colaboram na interpretação das atividades físicas e do esporte numa visão relacional de gênero, combatendo o sexismo.

Também Altmann e Souza (1999), reforçam o que foi citado por Louro, lembrando que, em alguns componentes curriculares a constituição da identidade de gênero parece, muitas vezes, ser feita por meio de discursos implícitos,

[...] nas aulas de educação física esse processo é, geralmente, mais explícito e evidente. Ainda que várias escolas e professores/as venham trabalhando em regime de co-educação, a educação física parece ser a área onde as resistências ao trabalho integrado persistem, ou melhor, onde as resistências provavelmente se renovam, a partir de outras argumentações ou de novas teorizações. (1997, p. 72)

Desse modo, observa-se que os discentes quando professores propõem trabalho integrado, com turmas mistas, muitas meninas deixam de participar das aulas e se excluem, imprimindo um processo de separação entre ambos os sexos. Percebe-se que essa atitude docente reforça a determinação de que dado esporte é para as mulheres e outros para os homens (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

Assim, Oliveira e Azevedo (2018) apoiam a coeducação como estratégia pedagógica que ressignifica as aulas de Educação Física escolar, fazendo elas assumirem o sentido da união dos sexos, buscando a emancipação dos estudantes.

3. Metodologia

Esta pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico-exploratória, do tipo revisão integrativa. O estudo bibliográfico, segundo Lakatos e Marconi (2010) é implementado junto às referências teóricas examinadas e divulgadas, envolvendo livros, artigos, publicações e documentos.

A revisão integrativa, conforme defende Botelho, Cunha e Macedo (2011), propicia estabelecer inferências que promovem categorias de análise. Por isso, pressupõe uma organização teórica que busca investigar argumentos genuínos, como forma de esclarecer o caso.

Para tal, foram utilizados os seguintes descritores, de forma isolada ou associada: gênero, construção social de gênero, identidade de gênero, educação física, educação, prática docente.

Foram utilizados artigos, disponibilizados como textos completos na base de dados da SciELO e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). As publicações foram do período de 2011 a 2020, no idioma português. Para a coleta de dados foi elaborado um roteiro semiestruturado, contendo dados da identificação do autor e ano de publicação, população pesquisada, objetivo do estudo, intervenção pedagógica, resultados encontrados que foram categorizados. A coleta dos dados ocorreu no decorrer dos meses de maio a setembro de 2020.

Após a identificação da literatura, foram analisados os textos na íntegra para verificar se atendiam aos objetivos do estudo. Em sequência foi aplicado os critérios de inclusão e exclusão, sendo que os que atenderam aos critérios de inclusão passaram a constituir o corpus da pesquisa.

A análise dos dados mediante a revisão integrativa, possibilitou a aproximação e a apropriação da problemática explorada, bem como permitiu compreender o cenário construído e interpretado pela literatura específica da área,

simultaneamente, identificar possíveis evidências das ações que já foram utilizadas frente a uma determinada temática (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

A busca da produção científica, inicialmente, contou com 129 artigos. Após a leitura do resumo dessas publicações foram 32 artigos. Destes, nove atenderam plenamente os critérios estabelecidos que estavam alinhados aos objetivos da pesquisa.

O quadro 1 caracteriza a produção científica estudada de acordo com os dados da identificação e ano de publicação, população pesquisada, metodologia e intervenção.

Quadro 1 – Distribuição da produção científica: obra, ano, autor, participante e metodologia/intervenção.

Título da obra	Autor/Ano	Participantes	Métodologia/Intervenção
Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula	UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena (2016)	Alunos de duas escolas de Campinas (SP), do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio.	Pesquisa do tipo etnográfica em duas escolas pertencentes à região de Campinas (SP), foram observadas aulas de educação física em três diferentes séries.
Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos	ALTMANN, Helena <i>et al.</i> (2018)	Pesquisa com meninas e meninos dos 8º e 9º anos do ensino fundamental da região metropolitana de uma cidade brasileira. Questionários fechados aos estudantes, e a amostra final contou com 1742 sujeitos, provenientes de 39 escolas.	Pesquisa de campo
A construção identitária nas aulas de educação física	MONTEIRO, Marcos Vinicius Pereira (2017)	Estudo foi realizado em uma escola estadual em Nova Iguaçu/RJ, e os dados foram obtidos por meio da realização de entrevistas com alunos/as do 3º ano do ensino médio.	Pesquisa de campo qualitativa
Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”?	ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco (2011)	9 professoras e 14 professores, de 22 escolas	Pesquisa de campo através da análise de questionários abertos, respondidos por professores/as de Educação Física de escolas públicas da Região Metropolitana de Campinas, São Paulo, em 2009. Os resultados foram problematizados a partir de dois eixos:

			planejamento e seleção de conteúdos; e conflitos aparentes e velados.
A formação de futur@s professor@s de educação física: reflexões sobre gênero e sexualidade	VASCONCELOS, Camila Midori Takemoto; FERREIRA, Lílian Apaarecida; (2020)	Participaram do estudo 12 graduandas que estavam no último ano do curso de licenciatura em Educação Física, da UNESP.	Pesquisa qualitativa de natureza exploratória. Coleta dos dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada.
Discussão de gênero nas aulas de educação física: uma revisão sistemática	MATOS, Naiara da Rocha; BRASILEIRO, Geisa Silva; ROCHA, Rodolfo Teixeira; NETO, Jorge Lopes Cavalcante; (2016)	-	Revisão sistemática realizado nas bases de dados do Portal de Periódicos CAPES e do Lilacs, e nas revistas científicas Motrivivência e Educação Física em Revista.
Sexualidade e educação física escolar nos periódicos brasileiros (1979-2018)	EVANGELISTA, Marcio Henrique Scotelano; MACHADO, Bruna Pinho; FRANCO, Neil; (2020)	-	Pesquisa de abordagem quanti-qualitativa, sustentada teórica e analiticamente em referências das teorias pós-críticas.
O debate - ainda pertinente - sobre as relações de gênero na educação física	SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; SILVA, Junior Wagner Pereira; SOUZA, Loranny Raquel Castro; CHAVIER, Walney da Silva; MELO Gislane Ferreira; (2014)	Participaram dez professores de Educação Física da Educação Pública do Distrito Federal que trabalham na educação primária.	Foi do tipo combinado descritivo/exploratório.
Diferenças de gênero na educação física escolar: linguagem corporal esportiva	OLIVEIRA, Ivanete da Rosa Silva AZEVEDO, Leonardo Aguiar; (2018)	Séries Finais do Ensino Fundamental.	Abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico-exploratório, do tipo revisão integrativa.

Fonte: Autoria própria.

O Quadro 2 caracteriza o objetivo da pesquisa e os resultados encontrados. Desses resultados foram definidas as seguintes categorias temáticas por meio da interpretação das autoras do presente estudo: (1) Cultura do movimento como mais apropriada ao masculino. (2) Predominância do masculino. (3) Formação/intervenção do professor de educação física.

Quadro 2 – Distribuição da produção científica: objetivos e resultados.

Autor/Ano	Objetivo de Pesquisa	Resultados Encontrados
UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena (2016)	Buscou entender como se dão as relações de gênero nos diferentes conteúdos da educação física escolar e como a diversificação desses interfere nas relações de gênero durante as aulas.	<p>As análises feitas indicam que meninos e meninas lidavam de maneiras distintas com a aprendizagem de novos movimentos e conteúdos (1)</p> <p>Arriscavam-se mais nas aprendizagens e demonstravam mais confiança nas próprias capacidades e habilidades corporais. (1)</p>
ALTMANN, Helena <i>et al.</i> (2018)	Identificar percepções sobre as experiências com as atividades físicas e esportivas, a frequência com que as praticam dentro e fora da escola, seus interesses em relação a elas e suas percepções a respeito do prazer pela prática, da competência corporal e do apoio social.	<p>As meninas revelaram realizar atividades físicas e esportivas com menos frequência que os meninos. Em média, elas realizaram atividades físicas e esportivas 2,57 dias por semana, enquanto eles, 3,43 dias. (1)</p> <p>Foi questionado aos estudantes se, excluindo suas aulas de educação física, realizaram alguma atividade física esportiva de forma regular (três ou mais dias da semana) no ano anterior: 72,5% do total da amostra responderam que sim – resposta menor entre as meninas (63%) que entre os meninos. (1)</p> <p>Aos ser questionado sobre a realização de atividades (36,7%) das meninas e (13,4%) dos meninos declararam não realizar nenhuma atividade. (1)</p> <p>As meninas se perceberam com menos competência corporal que os meninos. (1)</p> <p>Meninos informam realizar alguma atividade física e esportiva com maior regularidade e frequência que meninas. (2)</p> <p>No seu dia a dia, meninos referiram vivenciar de forma mais frequente as atividades físicas e esportivas afeitas à educação física, favorecendo o desenvolvimento de habilidades corporais. (2)</p> <p>De modo semelhante, ao se projetarem no tempo, os meninos expressaram maior confiança na perspectiva de prática futura, situando-se com maior frequência na resposta “com certeza sim”, enquanto as meninas situaram-se em “provavelmente sim”. (1)</p> <p>Os dados obtidos neste estudo, tais dificuldades podem estar associadas ao menor apoio social percebido pelas meninas por parte de familiares e amigos, à menor percepção de prazer por elas na realização de uma prática, à menor percepção de competência corporal e também à menor valorização e ao menor interesse, por parte delas, pela educação física. (1)</p>

		<p>A percepção dos meninos, de apoio recebido por parte de amigos(as) e da família à prática de atividades físicas e esportivas é maior do que aquela percebida pelas meninas. (1)</p> <p>Esse é um dos fatores importantes no conjunto de dificuldades percebidas pelas meninas adolescentes para a prática de atividade física. (1)</p> <p>Já o futebol foi a principal prática extracurricular citada, e 85,6% daqueles que mencionaram jogar futebol em contextos extracurriculares são meninos e 14,4%, meninas. Embora o futebol seja a segunda atividade mais mencionada por elas, ainda predominam os meninos entre aqueles que o praticam. (2)</p> <p>O futebol não apenas é mais praticado por meninos do que por meninas como o é com maior regularidade. (2)</p> <p>Tais diferenças os constituem os meninos como mais habilidosos, o que se expressa nas aulas de educação física, também em outros espaços de prática. (1)</p> <p>Diferenças de desempenho de meninos e meninas em aulas de educação física aparecem como a principal fonte de conflitos para esses(as) docentes e são um dos aspectos mais contemplados em seu planejamento (Referência omitida para efeitos de sigilo). (3)</p> <p>Outros pontos de desigualdade de gênero referem-se à percepção de competência corporal, ao interesse e ao valor-utilidade atribuídos à educação física, os quais são maiores para os meninos. (1)</p> <p>A prática de atividades físicas e esportivas é mais frequente e regular entre os meninos do que entre as meninas aqui investigados, possibilitando a eles uma experiência corporal mais intensa e significativa. (2)</p> <p>Meninas se percebem menos competentes para as atividades físicas e esportivas, bem como expressam uma menor percepção de prazer na prática. (2)</p> <p>Elas revelam menor interesse e valor-utilidade pela aula de educação física. Além disso, sua percepção a respeito do apoio social recebido para a prática é inferior à dos meninos, bem como é inferior sua expectativa de prática futura. (1)</p>
<p>MONTEIRO, Marcos Vinicius Pereira (2017)</p>	<p>Discutir a construção identitária e sua relação com as aulas de educação física valendo-se de</p>	<p>Os resultados demonstraram que ao final do ensino médio, na escola estudada, a educação física auxilia na construção identitária dos/as alunos/as que representam o masculino como superior, naturalizando a sua maior participação e</p>

	significados construídos por estudantes.	desempenho nas aulas da disciplina. (2)
<p>ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco (2011)</p>	<p>Mostrar que nem todos os meninos se identificam com esportes e jogos coletivos e que meninas também sabem e gostam de jogar.</p>	<p>As atividades das aulas de Educação Física são elaboradas para que meninas e meninos participem em igualdade. A programação anual vem pronta pelo Estado na proposta curricular. (3)</p> <p>Tanto meninas como meninos têm que participar ativamente de todas as atividades propostas. (3)</p> <p>Atividades propostas para os meninos devam igualmente ser praticadas pelas meninas. (1)</p> <p>Quanto às atividades físicas, restringe-se nos jogos coletivos, pois os meninos apresentam superioridade em força, coordenação e determinação durante as partidas, inibindo as ações das meninas. (2)</p> <p>As diferenças de habilidade entre meninos e meninas como causa de conflitos e dificuldades pedagógicas nas aulas de Educação Física têm sido analisadas em outros estudos. (3)</p> <p>As distintas formas de educar os corpos de meninos e meninas, presentes desde a infância, são hoje, tidas como importantes para a compreensão desse fenômeno, o que tem efeitos sobre as habilidades e os envolvimento dos sujeitos com as práticas corporais e, conseqüentemente, com as aulas de Educação Física. (3)</p> <p>Meninos e meninas da região pesquisada realizam práticas corporais distintas no que se refere à frequência e variedade: meninos as realizam com maior frequência do que meninas. (2)</p> <p>Para eles/as, o esforço não está condicionado ao gênero, mas ao interesse pela atividade, o que justificaria a necessidade de diversificação dos conteúdos, de modo a potencializar o envolvimento de todos/as nas aulas. (3)</p> <p>É interessante notar como o gênero, sob outra tônica, reafirma essa necessidade de diversificação dos conteúdos e da forma de abordá-los nas aulas. (3)</p> <p>Professores/as de Educação Física passaram a ministrar aulas para meninos e meninas, enfrentando dilemas com essa nova organização escolar. (3)</p> <p>Há uma dificuldade grande em se trabalhar a questão do gênero na escola. Eles têm um histórico de realizar as aulas em separado – meninos e meninas. (1)</p>

		<p>Quando se chega com uma nova proposta (coeducação) há uma resistência bem grande, mas que está sendo superada. (3)</p> <p>Ainda que ocorra inibição entre eles [meninos e meninas], a coeducação tem proporcionado maior socialização. (3)</p> <p>Os meninos geralmente pensam que as meninas não são capazes ou habilidosas para os esportes. (2)</p> <p>A participação conjunta tem colaborado para a desmistificação deste conceito, sendo que há casos de meninas em muito superiores a eles. (3)</p> <p>Em relação ao cuidado dos meninos com as meninas, sua fragilidade e a mudança de regras das atividades, ponderamos que, embora existam diferenças físicas, essas não podem ser naturalizadas ou pensadas unicamente sob o prisma biológico com o grave risco das generalizações que rotulam meninos e meninas em categorias distintas e ofuscam as singularidades dos sujeitos. (3)</p> <p>Diversificação dos conteúdos nas aulas de Educação Física torna-se um aspecto muito importante a ser considerado para que os/as alunos/as possam ter a chance de ampliar seus interesses e seu repertório de conhecimentos, também no âmbito corporal, incluindo o desenvolvimento de habilidades. (3)</p> <p>São raras as experiências positivas em turmas mistas. Quando uma aluna já tem uma habilidade desenvolvida, o grupo masculino não exclui a aluna, caso contrário sim. (1)</p>
<p>VASCONCELOS, Camila Midori Takemoto; FERREIRA, Lilian Aparecida; (2020)</p>	<p>Identificar e analisar as percepções de graduandas de um curso de formação inicial de professoras de Educação Física sobre as temáticas “gênero” e “sexualidade”</p>	<p>O comportamento docente precisa incentivar a reflexão e ação d@s estudantes sobre as questões de gênero e sexualidade, durante sua formação inicial, bem como zelar pela promoção da equidade. (3)</p> <p>As discussões sobre “gênero” e “sexualidade” ainda são silenciadas na formação docente, visto que elas podem ser notadas, durante as aulas, nas falas, nos conflitos e até nos conteúdos selecionados pelos(as) professores(as). (3)</p> <p>As professoras também afirmavam que os meninos eram mais inteligentes, mas não tinham jeito para o magistério, e que as meninas eram esforçadas e já nasceram com o instinto materno, e isso dava condições para que elas tivessem vocação para a carreira docente. (1)</p> <p>As crianças saíram para brincar no pátio da escola,</p>

	<p>os brinquedos estavam separados em duas caixas: uma azul e outra rosa; a caixa azul continha bonecos de heróis, carrinhos e ferramentas para os meninos, já a outra caixa, que era rosa, possuía bonecas e utensílios de cozinha, sendo designados para as meninas. (1)</p> <p>Pode-se observar que os brinquedos “para meninos” são sempre relacionados ao heroísmo, movimentação e atividade, enquanto os brinquedos “para meninas” ressaltam a delicadeza e passividade. (1)</p> <p>A fila realizada por alun@s, para entrar ou sair das salas de aula, é um bom exemplo dessas instâncias. Essa prática, conduzida por muit@s professor@s, exige que meninos e meninas se separem em duas fileiras, usando como critério de separação o seu sexo. (3)</p> <p>Os esportes praticados pelas meninas são relacionados a movimentos delicados, calmos e sem muito contato, como a dança, a ginástica, o vôlei etc. Já para os meninos, relacionam-se atividades que demandam agilidade, rapidez, força. (2)</p> <p>O corpo feminino tem uma construção cultural diferente da construção do corpo masculino. (1)</p> <p>Contribuir para a fundamentação de uma ação pedagógica que permita às mulheres e aos homens, conjunta e indiscriminadamente, o acesso, a vivência e a construção do conhecimento sobre as práticas corporais, de modo que, com isso, sejam capazes de pensar, sentir e agir. (3)</p> <p>@ professor@ tem um papel muito importante na construção da identidade de uma criança, sendo que, ao valorizar e perpetuar aulas e esportes separados por gênero, el@ acaba por não oferecer aos(as) alun@s a oportunidade de aprender com as diferenças, impedindo-@s de desenvolver um pensamento que busque superar os estereótipos existentes. (3)</p> <p>A fim de romper essas barreiras de estereótipos e diferenças, a coeducação apresenta-se como um caminho que possibilita a ambos os personagens escolares, professor@s e alun@s, novas percepções sobre os padrões existentes, novas experiências, as quais podem diminuir os conflitos entre meninos e meninas, e novas possibilidades de aprender com as diferenças. (3)</p> <p>A escola e @ professor@ como @s responsáveis pela formação dos(as) cidadãos(ãs), no que diz respeito à transmissão e transformação dos saberes sociais historicamente produzidos, por isso é</p>
--	---

		necessário que el@s entendam que abordar as questões de gênero e sexualidade na escola, em especial na Educação Física, pode contribuir para uma configuração que supere os estereótipos e preconceitos existentes, possibilitando que @s alun@s possam viver diferentes experiências, com diferentes pessoas e em diversas atividades. (3)
MATOS, Naiara da Rocha; BRASILEIRO, Geisa Silva; ROCHA, Rodolfo Teixeira; NETO, Jorge Lopes Cavalcante; (2016)	Verificar por meio de revisão sistemática as implicações da possível participação ou/não participação das meninas nas aulas de Educação Física Escolar.	Forte influência construída historicamente e enraizada na sociedade sobre a participação das meninas nas aulas de Educação Física. (1) Estas são consideradas menos habilidosas para a prática esportiva quando comparadas aos meninos, e a sociedade. (2) Na escola acabam reforçando mais ainda essa superioridade masculina. (3)
EVANGELISTA, Marcio Henrique Scotelano; MACHADO, Bruna Pinho; FRANCO, Neil; (2020)	Identificar, compreender e problematizar os significados atribuídos pela produção de conhecimento em Educação Física em relação às discussões sobre sexualidade no contexto escolar através de periódicos brasileiros específicos da Educação Física.	Esses dados corroboram a necessidade de haver mais estudos e publicações acerca das questões sobre sexualidade no âmbito escolar que possam contribuir na formação de professores/as de Educação Física e suas práticas pedagógicas, a fim de, sobretudo, incentivar o conhecimento e respeito à pluralidade. (3)
SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; SILVA, Junior Vagner Pereira; SOUZA, Loranny Raquel Castro; CHAVIER, Walney da Silva; MELO Gislane Ferreira (2014)	Avaliar a forma de estruturar as aulas, a percepção dos professores sobre o comportamento dos estudantes, e analisar as estratégias utilizadas em uma ação positiva sobre o tema.	Os resultados apontam à necessidade de seguir questionando a percepção dos professores e estudantes de Educação Física por este ser um espaço privilegiado para a construção da corporeidade, tendo potencial para reinventar as relações de gênero. (3)
OLIVEIRA, Ivanete da Rosa Silva AZEVEDO, Leonardo Aguiar; (2018)	Discutir a temática de inclusão mediante a categoria de gênero nas aulas de Educação Física escolar das Séries Finais do Ensino Fundamental	Propor práticas pedagógicas que possibilitem ao professor de Educação Física problematizar situações que estão articuladas à temática de gênero, potencializando a transformação do espaço escolar como locus de equidade e cidadania. (3) Na atualidade é possível observar resistências em muitas escolas, sobre trabalhar com turmas mistas. Quando não separadas de forma sexista, turmas femininas e masculinas, há a separação de atividades dentro da aula ou os próprios estudantes se excluem das atividades físicas, alegando questões de diferenciais de força, déficit de habilidade motora e, algumas vezes, idade. (1)

	<p>Essa atitude docente está pautada em uma pedagogia esvaziada de princípios que não contemplam os conteúdos propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN. (3)</p> <p>Para uma mudança de concepção será necessário que os docentes sejam provocados a refletirem sobre suas práticas pedagógicas, criando estratégias que possam incluir meninas e meninos nas mesmas atividades. Para assumir tal postura, o docente tem que se mostrar sensível às novas situações de ensino-aprendizagem, a fim de transmitir conhecimentos com sentido, significado e valores. (3)</p> <p>Essa nova visão introduziu um novo conceito de aulas mistas, isto é, aulas coeducativas. (3)</p> <p>Assim, gênero é uma categoria relacional porque leva em conta o outro sexo, em presença ou ausência. Além disso, relaciona-se com outras categorias, pois não somos vistos de acordo apenas com nosso sexo ou com o que a cultura fez dele, mas de uma maneira muito mais ampla: somos classificados de acordo com nossa idade, raça, etnia, classe social, altura e peso corporal, habilidades motoras, dentre muitas outras.(1)</p> <p>Mesmo com essa hierarquização, as construções de gênero não se opõem, ou seja, o feminino não é o oposto nem o complemento do masculino. (2)</p> <p>As aulas de Educação Física são representadas por muitos alunos como espaço que propicia liberdade para se movimentar e experimentar diversas possibilidades corporais. Por meio desses espaços, quando o docente é sensível a inserir no currículo múltiplas culturas, permite ao estudante se relacionar com diferentes religiões, idades, etnias e classes sociais. (3)</p> <p>No caso específico das aulas de Educação Física, muitas vezes contatamos que há diferenciação nas atividades, sendo que algumas se restringem a oferta exclusivamente para os meninos e outras para as meninas, originando um prejuízo para ambos. (3)</p> <p>Características como, sensibilidade e delicadeza são vistas como pertencentes ao sexo feminino, bem como seriedade e força pertencente ao sexo masculino. (1)</p> <p>As lutas que são compreendidas como predominantemente masculinas, dificultando a participação das meninas, enquanto a dança é entendida como uma prática feminina, tornando restrita a participação dos meninos e sendo permeada por preconceito e segregação. (2)</p>
--	---

		<p>Pode-se inferir que o papel do docente consiste em buscar permanentemente estratégias pedagógicas para minimizar a exclusão por gênero. (3)</p> <p>A participação de meninas nas aulas de Educação Física era inaceitável até 1930. (1)</p> <p>Nessa perspectiva, uma Educação Física Escolar Coeducativa promoveria a igualdade de valorização entre o masculino e feminino, assim como a percepção da existência de diferentes masculinos e diferentes femininos, todos eles passíveis de mérito e de valorização em variados contextos. (3)</p> <p>Dentro da escola, principalmente nas aulas de Educação Física, um dos fatores que fortalece as diferenças entre meninos e meninas é o trato pedagógico que é dado no conteúdo das aulas. (3)</p>
--	--	---

Fonte: Autoria própria.

4. Resultados e Discussão

Nesta seção textual serão discutidas as categorias separadamente para possibilitar uma compreensão mais didática de como a literatura vem abordando as questões de gênero nas aulas de Educação Física escolar.

Quadro 3 – Categorias de análise

Categorias
(01) Cultura do movimento como mais apropriada ao masculino.
(02) Predominância do masculino.
(03) Formação/intervenção do professor de educação física.

Fonte: Autoria própria.

4.1. Cultura do movimento como mais apropriada ao masculino

Em relação à primeira categoria “Cultura do movimento como mais apropriada ao masculino” percebe-se que os meninos participam com mais assiduidade das atividades propostas pelos docentes de Educação Física. Altmann *et al.* (2018) ao desenvolver um estudo em que buscou identificar características acerca das experiências de estudantes dos dois sexos com as atividades físicas e esportivas, constatou que os meninos ao serem questionados a respeito da frequência com que praticavam exercícios físicos fora da escola, declararam realizar atividades

esportivas de forma regular (três ou mais dias da semana). Enquanto as meninas apresentaram uma frequência mais baixa que os meninos.

Esse fato evidencia como a sociedade promove a participação masculina com muito mais ênfase, pois, inclusive, a própria cultura que é projetada pela mídia, comumente, dá mais destaque a eventos como futebol e outros esportes masculinos. A autora, inclusive, reforça que essa baixa participação feminina está articulada a menor, e até mesmo, a falta de apoio social, que é dado pela sociedade em geral, como também por pessoas de um círculo de relacionamento mais estreito, como familiares, amigos e até mesmo, professores (ALTMANN *et al.*, 2018).

As implicações de um espaço social reduzido para a atividade física feminina impactam em aspectos como o prazer e o interesse pela prática da atividade física, bem como acarretam menor aptidão para desenvolver essas mesmas práticas (ALTMANN *et al.*, 2018; VASCONCELOS; FERREIRA, 2020).

No estudo desenvolvido por Vasconcelos e Ferreira (2020), quando perguntaram para futuras professoras de Educação Física o motivo pelo qual as meninas escolheram seguir a carreira docente, elas responderam que

[...] os meninos eram mais inteligentes, mas não tinham jeito para o magistério, e que as meninas eram esforçadas e já nasceram com o instinto materno, e isso dava condições para que elas tivessem vocação para a carreira docente (VASCONCELOS; FERREIRA, 2020, p.3).

Até mesmo demonstrando a heteronomia no ambiente escolar em relação à escolha do que é considerado socialmente como apropriado à brincadeira de meninos e meninas, Vasconcelos e Ferreira (2020) evidenciaram que licenciandas de curso de formação em Educação Física, ao serem abordadas sobre as questões de gênero e sexualidade, relataram que já vivenciaram experiências nas quais a escola disponibilizava duas caixas no pátio para as crianças brincarem, sendo uma azul e outra rosa. A caixa azul, destinada para os meninos, continha bonecos de heróis, carrinhos e ferramentas. No entanto, a outra caixa, a rosa, possuía bonecas e utensílios de cozinha. As autoras destacaram que os brinquedos “para meninos” eram sempre relacionados ao heroísmo, movimentação e atividade, enquanto os brinquedos “para meninas” ressaltavam a delicadeza e passividade.

Oliveira e Azevedo (2018) corroboram e apontam que as brincadeiras, jogos e outras atividades lúdicas podem ser caracterizados por sexo, sendo que as pertencentes ao feminino são dotadas de sensibilidade e delicadeza, enquanto, as pertencentes ao sexo masculino são vistas com mais seriedade, pois requer força. Assim, os esportes que estão associados ao gênero feminino estão relacionados a movimentos suaves e sem muito contato (dança, ginástica, vôlei etc.), enquanto para o masculino são aqueles que estão relacionados a atividades que demandam agilidade, rapidez, força etc. (VASCONCELOS; FERREIRA, 2020)

Essa separação dicotômica e sexista causa preconceitos e contribuem para estereótipos atrelados à identidade de gênero, que designa de maneira arbitrária o que deve ser realizado pelo menino e pela menina. Também, percebe-se que a convivência entre os sexos fica restrita, gerando, assim, conflitos e destituindo os espaços nos quais podem ser edificados valores como respeito e solidariedade ao próximo que é de outro gênero.

Desse modo, também se torna compreensível quando se examina que a participação nas práticas desenvolvidas pelos professores nas aulas de Educação Física escolar apresenta diferenciação entre meninos e meninas, pois estes lidavam de maneiras distintas com a aprendizagem de novos movimentos e conteúdo, nos quais os meninos demonstravam mais confiança nas próprias capacidades e habilidades corporais (UCHOGA; ALTMANN, 2016; ALTMANN *et al.*, 2018).

Assim, confirma-se a posição trazida por Matos *et al.* (2016) que verificaram que, muitas vezes, o absenteísmo nas aulas de Educação Física escolar por parte das meninas é uma forte influência construída historicamente e enraizada na sociedade.

Outro fator que é relevante destacar é a motivação masculina para dar continuidade no futuro às práticas desportivas. Geralmente, os meninos, ao fazer um exercício de metacognição, expressam com maior confiança que irão praticar atividade física. Enquanto, as meninas situaram somente como provável (ALTMANN *et al.*, 2018).

Para minimizar estas concepções sexistas, Altmann, Ayoub e Amaral (2011) recomendam que os professores de Educação Física proponham atividades que tenham possibilidade de ser praticadas igualmente pelos meninos e meninas.

A naturalização do masculino em relação a possuir maior aptidão física interfere, inclusive, nas relações entre as próprias meninas, pois quando em aulas mistas, uma estudante se destaca e demonstra ter mais habilidade desenvolvida, o grupo masculino não a exclui (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011). No entanto, esse tipo de atitude pode interferir na cristalização de preconceitos da própria menina mais habilidosa, pois esta passa a querer jogar também somente com os meninos, masculinizando-se pela cultura do machismo, que é considerado como o mais forte e apto.

Nesse sentido, apesar do histórico que presenciamos na Educação Física, o qual está vinculado à realização de aulas em separado – meninos e meninas, para possibilitarmos que as questões de gênero sejam discutidas e os preconceitos superados, as aulas devem ser de maneira coeducativa (OLIVEIRA; AZEVEDO, 2018; ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011; ALTMANN; SOUZA, 1999;)

Entretanto, como afirmam Oliveira e Azevedo (2018, p.4),

Na atualidade é possível observar resistências em muitas escolas, sobre trabalhar com turmas mistas. Quando não separadas de forma sexista, turmas femininas e masculinas, há a separação de atividades dentro da aula ou os próprios estudantes se excluem das atividades físicas, alegando questões de diferenciais de força, déficit de habilidade motora e, algumas vezes, idade.

Desse modo, ao analisar a categoria “Cultura do movimento como mais apropriada ao masculino”, percebe-se o que denota Darido e Souza (2003 *apud* VASCONCELOS; FERREIRA, 2020, p.5), que trazem em seus achados de pesquisa a seguinte afirmação “O corpo feminino tem uma construção cultural diferente da construção do corpo masculino”.

4.2. Predominância do masculino

Percebe-se ao discutir a segunda categoria “Predominância do masculino” que embora o futebol seja uma das atividades que despertam mais motivação para a participação masculina fora dos muros da escola, as meninas também se sentem atraídas por esta prática. Altmann *et al.*, (2018) constatou em sua pesquisa realizada com escolares, que da população pesquisada, somente que 14,4%, meninas dizem

praticar futebol como atividade extracurricular, enquanto os meninos correspondem a 85,6%.

Assim, percebe-se a falta de motivação das meninas porque não encontram apoio social para impor seus desejos e preferências por conta da predominância do masculino na sociedade.

Outro conteúdo da Educação Física que é projetado socialmente como predominantemente masculino, é a luta, pois ela segrega e dificulta a participação das meninas (OLIVEIRA; AZEVEDO, 2018)

Portanto, é visível que a frequência é mais regular entre pessoas do sexo masculino do que o feminino, fortalecendo estereótipos que situam o esporte como uma experiência corporal mais intensa e significativa para os meninos, sendo também que, devido a esse movimento, as meninas se sentem menos competentes para as práticas esportivas, expressando uma menor percepção de prazer na mesma (ALTMANN *et al.*, 2018).

Ao discutir a construção identitária de gênero correlacionada às aulas de Educação Física, percebe-se que esse componente curricular auxilia na construção identitária dos/as estudantes, situando o masculino como superior ao feminino (MONTEIRO, 2017). Nesse sentido, pode-se inferir que quando o professor naturaliza a maior participação e desempenho masculino nas aulas da disciplina e não constroem estratégias para desarticular essa naturalização, o docente se coloca como agente permissivo do absentéismo feminino nas aulas.

4.3. Formação/intervenção do professor de Educação Física

No que consiste à categoria de análise pertinente à “Formação/intervenção do professor de Educação Física”, alguns eventos chamam a atenção em relação a atitude docente. Ao enfatizar atividades que reforçam as diferenças de desempenho entre meninos e meninas, os docentes estão promovendo situações conflituosas que deverão ser abordadas no seu planejamento (ALTMANN *et al.*, 2018).

De acordo com Matos *et al.* (2016) o docente deve ter cuidado para não reforçar mais ainda essa superioridade masculina. Sendo assim, conforme ressaltam Altmann, Ayoub e Amaral (2011) há distintas metodologias para ofertar a educação

corpórea de meninos e meninas, desde a primeira infância, que nos auxilia a compreender os efeitos sobre as habilidades e os envolvimento dos sujeitos nas práticas corporais e, conseqüentemente, também o absenteísmo ou a participação nas aulas de Educação Física.

Nesse sentido, não há o que estranhar quando percebemos que “As discussões sobre “gênero” e “sexualidade” ainda são silenciadas na formação docente, visto que elas podem ser notadas, durante as aulas, nas falas, nos conflitos e até nos conteúdos selecionados pelos(as) professores(as)” (PARAÍSO, 1997 *apud* VASCONCELOS; FERREIRA, 2020, p. 3).

Para Altmann, Ayoub e Amaral (2011) o interesse pela prática desenvolvida nas aulas de Educação Física faz muito mais diferença do que os aspectos físicos que estão atrelados à determinada modalidade, pois a motivação pela diversificação dos conteúdos abordados pelos docentes justifica, na opinião das autoras, a potencialização do envolvimento de meninos e meninas nas aulas.

Assim, Oliveira e Azevedo (2018) afirmam que nas aulas de Educação Física, um dos fatores que fortalece as diferenças entre sexos, muitas vezes, é a forma como o docente trata pedagogicamente o conteúdo que vai abordar.

As autoras supracitadas alertam que ao implantar uma nova proposta coeducativa, percebe-se que há resistência de meninos e meninas. Contudo, logo após iniciada tal prática e promovida atividades de desinibição entre eles, ocorre uma maior socialização, que possibilita a desmistificação do conceito de superioridade masculina.

Nesse sentido, práticas como distribuição de estudantes em filas divididas por sexo, para entrar ou sair das salas de aula, é uma prática que deve ser evitada. Nesse sentido, o docente precisa estar atento para promover incentivos, reflexões e ações sobre as temáticas relativas a gênero e sexualidade, primando pela promoção da equidade (VASCONCELOS; FERREIRA, 2020).

Contribuir para a fundamentação de uma ação pedagógica que permita às mulheres e aos homens, conjunta e indiscriminadamente, o acesso, a vivência e a construção do conhecimento sobre as práticas corporais, de modo que, com isso, sejam capazes de pensar, sentir e agir (ALTMANN; SOUZA, 1999, p. 53).

Vasconcelos e Ferreira (2020) defendem que o docente de Educação Física tem papel incisivo no constructo identitário infantil. Portanto, quando valorizam e perpetuam aulas sexistas, ou ainda com atividades esportivas separadas por gênero, esses professores expropriam a oportunidade de os estudantes aprenderem com as diferenças, impedindo a superação de estereótipos socioculturais.

A fim de romper essas barreiras de estereótipos e diferenças, a coeducação apresenta-se como um caminho que possibilita a ambos os personagens escolares, professor@s e alun@s, novas percepções sobre os padrões existentes, novas experiências, as quais podem diminuir os conflitos entre meninos e meninas, e novas possibilidades de aprender com as diferenças. [...]

A escola e @ professor@ como @s responsáveis pela formação dos(as) cidadãos(ãs), no que diz respeito à transmissão e transformação dos saberes sociais historicamente produzidos, por isso é necessário que el@s entendam que abordar as questões de gênero e sexualidade na escola, em especial na Educação Física, pode contribuir para uma configuração que supere os estereótipos e preconceitos existentes, possibilitando que @s alun@s possam viver diferentes experiências, com diferentes pessoas e em diversas atividades (VASCONCELOS; FERREIRA, 2020, p. 5).

O docente de Educação Física deve propor práticas pedagógicas que promovam a problematização de situações que estão articuladas às questões de gênero, potencializando a transformação do espaço escolar como lócus de equidade e cidadania (OLIVEIRA; AZEVEDO, 2018).

Para uma mudança de concepção será necessário que os docentes sejam provocados a refletirem sobre suas práticas pedagógicas, criando estratégias que possam incluir meninas e meninos nas mesmas atividades. Para assumir tal postura, o docente tem que se mostrar sensível às novas situações de ensino-aprendizagem, a fim de transmitir conhecimentos com sentido, significado e valores (OLIVEIRA; AZEVEDO, 2018, p. 5).

As aulas de Educação Física se constituem em espaço privilegiado para a construção da corporeidade, tendo potencial para reinventar as relações de gênero (SAMPAIO *et al.*, 2014).

5. Estratégias de promoção à participação feminina nas aulas de Educação Física

Diante da análise realizada verificou-se que nas aulas de Educação Física, muitas vezes, até mesmo de forma inconsciente, o docente adota práticas que produzem um maior afastamento das meninas das atividades. Essa atitude, geralmente, tem implicações explícitas e implícitas de como a categoria social de

gênero foi construída e apropriada pela sociedade em geral, e, conseqüentemente, pela escola e o docente, em particular.

Desse modo, quando o docente de Educação Física utiliza princípios pedagógicos e sociopolíticos que promovem uma diferenciação por sexo nas atividades, direcionando-as para meninos ou para meninas, contribui para práticas que tem conseqüência a exclusão, a cristalização de preconceitos, que interferem no processo ensino-aprendizagem do componente curricular da Educação Física, causando prejuízo para dois sexos.

Sendo assim, o docente tem um papel de articular estratégias pedagógicas com o intuito de promover a participação feminina nas aulas, mas, principalmente minimizar os índices de absenteísmo que são produzidos por atitudes preconceituosas em relação às questões de gênero, tais como:

- ✓ Apropriação consciente de matrizes teóricas da Educação Física que fundamentem a práxis docente e possibilite a problematização acerca da disparidade existente entre homens e mulheres, no que tange aos aspectos sociais, políticos, culturais – que envolvam o currículo de Educação Física;
- ✓ Promoção de práticas corpóreas que fomente a participação equitativa de meninos e meninas, de modo que a abordagem seja atrativa para discentes de ambos os sexos;
- ✓ Criação de espaços de discussão sobre a temática gênero por meio de aulas que utilizem como estratégia a proposta pedagógica coeducativa, possibilitando, dessa forma a problematização acerca da identidade feminina e masculina, com foco na superação de preconceitos;
- ✓ Elaboração de estratégias que desarticule a naturalização de maior participação e desempenho masculino nas aulas de Educação Física, visando a necessidade de desmistificar o machismo que por muito tempo vem limitando as mulheres na sociedade;
- ✓ Adoção de atitudes que descure práticas de permissividade frente ao absenteísmo nas aulas de Educação Física.

Nesse aspecto, a Educação Física escolar apoiada em uma proposta pedagógica que utiliza como estratégia a prática coeducativa tem a possibilidade de ampliar valores que estão associados ao entendimento da equidade entre ambos os

sexos, rompendo com atitudes sexistas e estereotipadas. Desse modo, por meio de aulas dinâmicas, buscar-se-á a participação efetiva de todos os estudantes nas atividades propostas.

6. Conclusões

Conclui-se, ao analisar os fatores que interferem na participação feminina nas aulas de Educação Física escolar, que essa realidade é produto da forma como a mulher historicamente sofre exclusão e discriminação social. Mais propriamente a partir da revolução industrial, a predominância do masculino é reforçada em virtude dos processos produtivos associados à manutenção do capitalismo.

Desse modo, constata-se, que a mulher só conseguiu efetivar conquistas significativas a partir dos anos de 1990, pois, até então, era compreendida socialmente como um ser que deveria servir ao masculino, cuidando da casa e dos filhos, vivendo em total submissão, não participando de atividades na sociedade.

Nesse sentido, o que é vivenciado no espaço micro da escola é decorrente do que é produzido no espaço macro da sociedade e vice-versa, que, em síntese, se constitui no que tem se visto desde os primórdios dos tempos, da luta feminina pela legitimação e legalização dos seus direitos de forma equitativa.

No caso específico da Educação Física escolar, no período em que predominava a matriz teórica da área que está articulada ao Pensamento Conservador, o domínio era do masculino. As propostas pedagógicas que passaram a problematizar a questão de gênero, bem como dos estereótipos e preconceitos atrelados a essa temática, são as que derivam da matriz teórica crítica do Pensamento Renovador.

Essas matrizes teóricas propunham a discussão dos direitos humanos, combatiam o machismo exacerbado, produzindo espaços no qual a mulher é ativa nas suas escolhas, quebrando o tabu que tanto tempo limitou a participação feminina e atrapalhou o desenvolvimento da sociedade, que se apegou a pensamentos preconceituosos, reverberando para aulas de Educação Física.

Nesse sentido, constatou-se que atitudes docentes associadas às matrizes teóricas do Pensamento Conservador assumem a função de manter os padrões sociais da época, que geram desconforto para o gênero feminino, causam a exclusão da participação das estudantes nas aulas de Educação Física, limitando suas experiências de convívio e aprendizado.

Sendo assim, a proposta pedagógica coeducativa, que tem como principal foco a inclusão do sexo feminino nas aulas de Educação Física escolar, se constitui em estratégia docente que tem como meta ampliar os conhecimentos que contribuam com a construção de aulas que promovam a participação de ambos os sexos e que, concomitantemente, forneça subsídios para discutir acerca da desmistificação de preconceitos em relação ao feminino e que desarticule a naturalização de maior participação e desempenho masculino nas aulas de Educação Física.

Vale destacar que o professor de Educação Física será o principal mediador e responsável pela materialização de estratégias que descurem de práticas de permissividade frente ao absenteísmo nas aulas de Educação Física.

Referências

ALTMANN, Helena *et al* . Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 26, n. 1, e44074, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000100702&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 out. 2020.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"?. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 491-501, ago. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 out. 2020.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, Aug. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132621999000100005&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Oct. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621999000100005>.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação física na escola**: questões e reflexões. 1. ed. Rio de Janeiro: GUANABARA KOOGAN, 2003. p. 1-81.

EVANGELISTA, Marcio Henrique Scotelano; MACHADO, Bruna Pinho; FRANCO, Neil. Sexualidade e Educação Física escolar nos periódicos brasileiros (1979-2018). **Motrivivência**, [S.L.], v. 32, n. 62, p. 01-21, 4 jun. 2020. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira**. 3. ed., São Paulo: Editora Loyola, 1994.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petropolis: Vozes, 1997.

MATOS, Naiara da Rocha; BRASILEIRO, Geisa Silva; ROCHA, Rodolfo Teixeira; CAVALCANTE NETO, Jorge Lopes. Discussão de gênero nas aulas de Educação Física: uma revisão sistemática. **Motrivivência**, [S.L.], v. 28, n. 47, p. 261-277, 25 maio 2016. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

MONTEIRO, MARCOS VINICIUS PEREIRA. A construção identitária nas aulas de educação física. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 69, p. 339-359, June 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782017000200339&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 Oct. 2020.

OLIVEIRA, Ivanete da Rosa Silva de; AZEVEDO, Leonardo Aguiar de. Diferenças de gênero na educação física escolar: linguagem corporal esportiva. **Anais VII ENALIC...** Campina Grande: Realize, Editora, 2018. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/52051>>. Acesso em: 18 Agosto 2020.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de gênero e história social. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 17, n. 1, pág. 159-189, abril de 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 de Out. 2020.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; SILVA, Junior Vagner Pereira da da; SOUSA, Ioranny Raquel Castro de; XAVIER, Walney da Silva; MELO, Gislane Ferreira de. El debate - todavía relevante- sobre las relaciones de género en Educación Física. **Educación Física y Deporte**, [S.L.], v. 33, n. 1, p. 73-91, 30 jul. 2014. Universidad de Antioquia.

SCOTT, Joan. **Gênero uma categoria útil para a análise histórica**. Nova Iorque. Columbia University Press. 1989.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 52-68, ago. 1999 Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132621999000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 out. 2020.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar. **Motriz: rev. educ. fis. (Online), Rio Claro**, v. 16, n. 4, p. 920-930, Dec. 2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742010000400012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 out. 2020.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 336-370.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 163-170, June 2016. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892016000200163&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 Oct. 2020.

VASCONCELOS, Camila Midori Takemoto; FERREIRA, Lílian Aparecida. A formação de futur@s professor@s de educação física: reflexões sobre gênero e sexualidade. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 36, e209700, 2020. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982020000100207&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 out. 2020.

ZULINI, Jaqueline Porto; RICCI, Paolo. O código eleitoral de 1932 e as eleições da Era Vargas: um passo na direção da democracia?. **Estud. hist. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 71, p. 600-623, dez. 2020. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862020000300600&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 set. 2020.